



Documento padrão para submissão de trabalhos ao XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

Ciberespaço: um lugar de afirmação e desenvolvimento intelectual para o surdo¹

Talita Fernanda Santana de Lima²ⁱ

Universidade Federal de Juiz de Fora

Resumo

Análise do contato do surdo com a internet. Houve, para tal fim, a aplicação de questionários a internautas surdos. Avaliou-se a linguagem destes usuários e um levantamento de algumas comunidades do orkut relacionadas aos surdos foi realizado. Dentro disso, opta-se por estudar quais são as perspectivas oferecidas a este sujeito pelo novo mundo inaugurado a quase todos: o ciberespaço. Toda avaliação dada às aptidões do surdo partirá do pressuposto de que tal indivíduo só torna-se socialmente deficiente quando lhe é negada a língua, a cultura e os direitos. Com isso, o ciberespaço foi eleito como um lugar propício para a proclamação de que ser diferente não implicará na perda da sua característica de ser.

Palavras-chave

mídia; deficiência; surdos; internet; inclusão

Corpo do trabalho

O grau de significação de qualquer técnica é dado sucessiva e simultaneamente pelas múltiplas coalizões sociais. Dessa forma, a ascensão de qualquer projeto técnico dependerá do grau de contato com o usuário. Assim, a Internet tem sido estabelecida e popularizada mediante o desenvolvimento de interfaces mais fáceis de serem manipuladas por internautas não especializados.

Inseri-se neste artigo o que foi levantado até aqui em relação ao contato do surdo com a internet. Ao estabelecer este sujeito como um indivíduo que possui marcas

¹ Trabalho apresentado no III Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação

² Área de atuação: mídia e deficiência. Aluna ouvinte da Pós-Graduação em Mídia e Deficiência da Faculdade de Comunicação Social da Universidade Federal de Juiz de Fora. Apresentação do artigo “A tribo dos surdos no ciberespaço”, no I Encontro Regional de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora.
Email: jnovata@hotmail.com



personais, despertar na comunicação social uma nova consciência em relação à surdez é um dos intentos deste projeto.

Portanto, toda avaliação dada às aptidões do surdo partirá do pressuposto de que tal indivíduo só torna-se socialmente deficiente quando lhe é negada a língua, a cultura e os direitos. Com isso, o ciberespaço foi eleito como um lugar propício para a proclamação de que ser diferente não implicará na perda da sua característica de ser.

Observou-se, ao iniciar esta análise, que, através das tecnologias *assistivas*, a rede www cria caminhos e perspectivas de interação àqueles que são portadores de necessidades especiais. No entanto, a própria linguagem e estrutura da internet já fornecem de imediato, ao usuário surdo, possibilidades de desenvolver-se socialmente e emocionalmente, através das salas de bate-papo e comunidades virtuais.

Durante o trabalho, foi feito um levantamento de como os surdos foram vistos no decorrer da história; algumas das hipóteses que explicam o surgimento da língua de sinais foram citadas; explanou-se sobre os principais aspectos da linguagem virtual e sua semelhança com o português escrito da maioria dos surdos. Para o embasamento do projeto, seis surdos foram entrevistados e questionados sobre alguns aspectos do seu contato com a internet, tais como: acesso a msn, orkut, jornais online e possíveis dificuldades na compreensão da língua portuguesa.

Os surdos entrevistados responderam ao questionário de próprio punho, a caneta. A partir daí, a principal constatação foi o elevado grau de dificuldade enfrentado por estes quanto ao entendimento da língua portuguesa e a utilização correta da gramática. Diante disso, a internet serve de suporte ao surdo já inserido em salas de aula, proporcionando-lhe um contato prazeroso com a língua oficial de seu país e a possibilidade de entender melhor o português, já que passará a encará-lo dentro de um contexto familiar, ao abordar assuntos que lhe interessam na rede www.

Outra vantagem é a possibilidade de pesquisarem e compreenderem melhor o que foi dito dentro de sala de aula, já que não conseguem acompanhar as aulas muito faladas, como as de história e filosofia. Com isso, o mundo virtual torna-se uma fonte de apoio que potencializa a democratização do saber, ao prover material escrito (visual), que pode ser lido, analisado e assimilado melhor pelo surdo.

Durante as entrevistas, três dos surdos confessaram ter dificuldades em compreender o português; um deles comenta que entende bem, mas, quando não conhece alguma palavra, confunde-se e uma das entrevistadas não respondeu a este tópico. Todos afirmam utilizar o msn para conversar, dois surdos citam que, além de



conversar, também estudam pelo msn e dois lêem jornal pela internet. Quanto ao contato com ouvintes, três dos surdos afirmam que conversam com internautas ouvintes, já dois deles confessam que não falam com ouvintes. Um levantamento das comunidades do Orkut voltadas para surdos também foi um dos pontos chaves da pesquisa.

Constatou-se, no decorrer do trabalho, que, em geral, os surdos têm duas necessidades principais: a primeira é serem aceitos como pessoas com diferenças lingüísticas e não como deficientes; a segunda é conseguir inserir-se na sociedade e participar dela como um cidadão normal e independente do ouvinte.

Assim, o mundo virtual apresenta-se como um lugar no qual o surdo, de alguma forma, pode suprir estas necessidades, a partir do momento em que a rede www iguala seus membros. Nas salas de bate-papo, por exemplo, há uma diversidade de pessoas e informações que podem ser acessadas, sem que o usuário tenha que sofrer preconceito ou discriminação. Ao surdo, em especial, esta é uma oportunidade de ser o que é, sem a problemática da exclusão de um mundo sonoro.

Promover o acesso a jornais online é outra vantagem do mundo virtual. Sendo que a maior parte dos jornais diários do país possui sites, com a divulgação completa das matérias publicadas. O que fornece ao surdo a possibilidade de entender melhor matérias e assuntos abordados pela tevê também.

Objetiva-se desta forma, aprofundar a pesquisa, avaliando-se: qual o grau de acesso e compreensão dos internautas surdos aos jornais online? A dificuldade do surdo com a língua portuguesa seria um entrave para a compreensão do conteúdo destes jornais ou os recursos visuais completam satisfatoriamente estas lacunas? Quais os jornais online mais acessados pelos surdos? E porque estes são os preferidos por este receptor?

Outro ponto a ser abordado relaciona-se aos recursos visuais da web, como animação de imagens e sinais gráficos. Estes são facilmente compreendidos pelos surdos, já que sua própria língua natural, a língua de sinais, é uma língua espaço-visual? Pensando nesta possível vantagem e nas dificuldades que podem existir na tradução de algumas interfaces, tanto por parte do surdo quanto por parte de ouvintes, durante a pesquisa verificou-se que há algumas tentativas de desenvolver interfaces próprias para os surdos. Nessa nova interface, as informações não seriam expressas em português, mas em Língua de Sinais escrita. A esta modalidade escrita da língua dá-se o nome de Sign Writing.



O sign writing é um universo de símbolos e convenções pelo qual os gestos usados por surdos para sinalizar alguma palavra são expressos em forma de desenho. Estes símbolos são bastante flexíveis e indicam o ponto de articulação do sinal, o tipo de movimento da mão, a expressão facial e corporal. Representam, portanto, os movimentos e expressões realizados pela pessoa conhecedora da língua de sinais. No entanto, um sinal não é necessariamente igual em todas as partes do mundo, nem mesmo dentro de um país. Estes símbolos gráficos estariam para a língua de sinais assim como as letras estão para as línguas faladas.

Este sistema de linguagem escrita foi criado por Valerie Sutton, nos anos 70 e, atualmente, é utilizado pela comunidade surda de 30 países, inclusive no Brasil, onde ele foi introduzido pelo Dr. Antônio Carlos da Rocha, da Universidade Católica de Pelotas, RS. O sign writing faz parte de um sistema mais amplo, cuja subdivisão é: dance writing (para registrar coreografia), sign writing (para língua de sinais), mime writing (mímica e a pantomina clássica), sports writing (para registrar movimentos esportivos) e science writing (para expressar movimentos de animais fisioterápicos, linguagem corporal e outros).

Durante a pesquisa, avalei rapidamente a visão de alguns surdos sobre o sign writing e observei que, a princípio, eles acreditam que a língua de sinais escrita auxiliaria no processo de compreensão de materiais escritos disponibilizados na rede. Isso porque, supõem que poderiam usar um tradutor online para verter a língua oral escrita para a língua de sinais escrita. A partir daí, almeja-se saber: qual é o grau de conhecimento atual por parte dos surdos sobre esta nova interface? Outra indagação é: quando em contato com o sistema sign writing, os internautas surdos avaliam que as relações com o computador ficam realmente mais fáceis?

Outro aspecto é que, com a regulamentação da Lei de Libras, em fevereiro de 2006, o prazo para que o poder público efetive a Libras como elemento de formação de profissionais que atuam ou podem atuar na educação de surdos e o prazo para que a Libras seja incluída como disciplina curricular da educação básica fica definido em, no máximo, dez anos. Até lá, a língua deve ser totalmente inserida nos processos de ensino e aprendizagem de todos os alunos de todas as escolas públicas do país.

Paralelo a isso, sabe-se que, de acordo com o artigo 23 do decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, as instituições federais de ensino, de educação básica e superior, devem proporcionar aos alunos surdos os serviços de tradutor e intérprete de Libras – Língua Portuguesa em sala de aula e em outros espaços educacionais, bem



como equipamentos e tecnologias que viabilizem o acesso à comunicação, à informação e à educação. Diante deste quadro, como o sign writing é visto pelas escolas já habilitadas no trabalho com surdos e de que forma este sistema pode auxiliar na efetiva regularização dos decretos acima mencionados?

Para alcançar tais fins, pretende-se, a princípio, estabelecer contato com a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (Feneis) mais próxima da universidade acolhedora do meu projeto. A partir daí, com a orientação devida desta Federação, estabelecer duas cidades, uma de porte médio e uma pequena, para estabelecer um grupo de surdo de cada localidade como amostra da minha pesquisa.

Tendo conhecimento destes grupos, visa-se contactá-los para a aplicação de questionários e observações cabíveis aos elementos-chaves da pesquisa:

1) avaliar o grau de entendimento de informações obtidas nos jornais online; grau de dificuldades em entender o português deste meio de comunicação; diante dessas dificuldades, avaliar se os recursos visuais completam esta lacuna; quais os jornais online mais acessados por estes dois grupos; e por quais razões estes seriam os mais atrativos a este receptor.

2) verificar como o sistema sign writing é visto pelos surdos selecionados à aplicação da pesquisa; avaliar se suas respectivas escolas utilizam os recursos do sign writing e, se utilizam, como ele é visto por estes educadores: vantagens e desvantagens frente ao aprendizado da língua portuguesa; obter a opinião destes mesmos educadores sobre este sistema, tendo como parâmetro os novos decretos que estabelecem a obrigatoriedade do ensino de Libras, em até dez anos e a determinação da presença de intérprete nas instituições federais.

A opção em obter o apoio do Feneis dá-se devido à autoridade nacional desta instituição frente ao trabalho pedagógico e preparatório voltado aos surdos do país, que hoje representam 8% da população brasileira. A escolha de duas cidades de portes diferentes estabelece-se devido à suposição de que o contexto de cada lugar influenciará, de maneira diferenciada, na formação de opinião de cada um dos entrevistados.

Toda pesquisa será realizada tendo como cuidados éticos a preservação dos nomes dos participantes ou a autorização assinada dos mesmos para que seus nomes possam ser divulgados, do contrário, pseudônimos serão utilizados. O surdo será sempre denominado surdo e jamais surdo-mudo, já que este termo é comprovadamente colocado pelo linguajar popular de maneira errônea, tendo em vista que o surdo não é



necessariamente mudo. Aqueles que não falam, vivenciam esta experiência por não terem passado pelo processo de estímulo da fala, que é provocado, de imediato, no bebê, pelo ouvir. Assim, estes e demais termos referentes ao deficiente terão como padrão os indicados pelo Manual de Mídia Legal, lançado em 2007, pela organização não governamental Escola da Gente.

De acordo com Lévy (2000), os primeiros textos alfabéticos não separavam as palavras. Apenas muito lentamente foram sendo inventados os brancos entre os vocábulos, a pontuação, os parágrafos, as claras divisões em capítulos, os sumários das matérias, os índices, em suma, tudo o que facilita a leitura e consulta de documentos escritos. Estas tecnologias auxiliares, contribuindo para dobrar os textos, estruturá-lo, articulá-lo para além de sua linearidade, compõem o que poderia ser chamado de aparelho de leitura artificial.

Neste contexto, é interessante notar que, na escrita de alguns surdos, algumas dessas estruturas são ignoradas: não se observa preposição na escrita da maioria deles e a ordem frasal deste sujeito também não é a mesma do ouvinte (sujeito, verbo, predicado). Este fato desperta o interesse de pesquisadores da área lingüística, os quais observam que, na internet, sobretudo no contexto de bate-papos, a escrita utilizada pelos internautas, em geral, tem que ser rápida. Assim, ela torna-se telegráfica, com várias abreviações, desconsiderando o uso de conectivos e artigos em alguns casos. Além disso, mesmo a própria ortografia é deixada de lado. Já que o fluxo das palavras escritas tenta simular o do diálogo falado, não há tempo para floreios, nem para corrigir o que se escreve.

Dessa forma, a linguagem escrita do surdo, com sua falta de preposição e inversão da ordem direta das frases, muitas vezes, confunde-se com a utilizada pelo ouvinte nas conversas instantâneas via web. Porém, apesar dos vários vícios presentes no português dessas conversas, para o surdo, existe aí uma grande vantagem: a motivação para o uso da escrita na Língua Portuguesa. Podendo, assim, treiná-la, estudá-la, expandir seu vocabulário e atribuir novos significados aos signos com os quais está lidando.

Isso tudo pode ser visto como fator positivo ao letramento do surdo. Segundo Soares (2000), a definição de alfabetização e letramento seria:

Letramento é o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo capaz de ler e escrever [...], ou seja, o alfabetizado aprende



a ler e escrever, enquanto que o letrado passa a fazer uso da leitura e da escrita.

Segundo Freire (1998), é importante ressaltar que as dificuldades com os componentes sistêmicos podem ser enfrentadas mais naturalmente quando os aprendizes são apresentados a textos escritos que envolvem o conhecimento de um mundo com o qual eles já estão familiarizados.

Dessa forma, o interesse do surdo em aprender, desenvolver e interpretar a escrita torna-se ainda maior quando ela refere-se ao contexto no qual eles estão inseridos. Isso ocorre já que a língua escrita é empregada na internet em situações sociais interativas, nas quais as pistas de interpretação são contextuais, o que facilita ainda mais a compreensão do conteúdo. Além disso, a língua escrita não advém da interação face a face. A língua escrita vai além disso: ela permite a comunicação independente de tempo ou lugar.

Um estudo realizado pelo Núcleo de Informática na Educação Especial (NIEE), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) é prova de que há progressos no desenvolvimento do Português por parte do surdo, quando este utiliza a internet (SURDOS..., 2006). O projeto previa analisar o efeito do uso da ferramenta e-mail por pessoas surdas. Sendo o e-mail um instrumento de troca de mensagens um pouco mais formal do que os chats, ele requer uma estrutura mais elaborada, mesmo porque este não é um meio para conversa em tempo real.

Sendo assim, além de expandir o vocabulário, o surdo lida com uma estrutura mais formal da língua ao formular um e-mail. Os resultados do estudo, dentre outras coisas, mostram: elaboração de mensagens com fatos do cotidiano; utilização de letras maiúsculas no início das frases; pontuação correta; pronome no início e no meio da frase; elaboração de mensagens com melhora em termos de conteúdo; coerência e lógica. Além disso, observou-se um entendimento mais rápido das mensagens recebidas; maior independência, autonomia e satisfação na comunicação escrita e o correto uso de alguns nexos frasais. (SURDOS..., 2006).

Diferente do contexto formal do e-mail, no site (ORKUT, 2006), existem diversas comunidades de surdos, que, na maior parte das vezes, buscam estabelecer o contato entre surdos e surdos ou surdos e ouvintes, visando sempre manter a identidade da pessoa surda, com autenticidade.

Dentre elas, existe a comunidade **Surdo Sol**, que é uma extensão de um dos sites para surdos mais acessados por eles no Brasil, o site www.surdosol.com.br. Este é



identificado pelo dono da comunidade como: “É nosso site de surdos do Brasil, que tem lista de MSN, desenhos, eventos, igrejas e muito mais...para conhecer e faça mais amizades no SURDOSOL!”. (ORKUT, 2006). Com uma linguagem diferente da estabelecida pela norma padrão da língua portuguesa, o dono dessa comunidade anuncia o site interligado a mesma, como sendo um site de surdos do Brasil, no qual existe lista de msn, desenhos, eventos, igrejas. Lá eles podem conhecer e fazer novas amizades. O site também é anunciado como o maior site de comunicação online de surdos da América Latina. Nele, pode-se cadastrar msn, fotolog, igrejas, associações e eventos gratuitamente.

Outra comunidade de surdos encontrada no orkut é a **D.A. não Surdo sim**. Em sua descrição, ela é apresentada como uma comunidade feita para quem assume a identidade verdadeira de surdo, sem qualquer preconceito. (ORKUT, 2006). Durante a apresentação desta comunidade, há a diferenciação entre surdo e deficiente auditivo, segundo o criador da mesma:

Surdo não usa aparelho e tem pouco ou nenhum resíduo (audição), enquanto o D.A. usa aparelho e tem bom resíduo; o Surdo sente a vibração sonora, já o D.A. ouve o som, muitas vezes com distorção; Surdo estabelece a sua comunicação através de sinais, estabelecendo-a em cem por cento; o D.A. comunica-se através de leitura labial e oralização, sua comunicação é estabelecida em sessenta e cinco por cento; Surdo possui cultura própria, D.A não tem cultura própria, segue cultura ouvinte; Surdo aceita sua condição de surdo, sem preconceito, D.A não aceita ser surdo; Surdo tem identidade própria, D.A: em busca de identidade própria.” (ORKUT, 2006)

Surdos é uma comunidade criada para surdos brasileiros e para quem tem interesse na troca de informação sobre a língua de sinais. O dono da comunidade a define da seguinte forma:

Ação entre amigos entre Ouvintes e surdos! p/ quem interesse a troca comunicação nossa língua de sinais (LIBRAS)...aproveita troca os amigos como união a conhecer! Os surdos temos a msn p/ comunicar a conhecer nossas vidas dos surdos e ouvintes. OBS: não aceite falar sobre Implante Coclear e Preconceito então pode deletar isso q ter o respeito nossa comunidade nossa surda oralizada e surda LIBRAS (ORKUT, 2006)

Dentre tantas outras comunidades de surdos no orkut, uma que se destaca é a **Música para surdos**. Num dos tópicos de discussão desta comunidade, uma participante ouvinte afirmou que música é algo muito “ouvintista” e que colocar música no universo do surdo é uma forma de forçá-lo a aceitar a cultura do ouvinte. Rebatendo o que foi dito por esta participante, uma outra avalia a música no ambiente dos surdos



algo “legal”, pois, através da tradução em libras, consegue-se colocar o sentimento da música, a intensidade e o ritmo. Dessa forma, esta última participante acredita que o surdo pode ter sim um contato maior com a música de fato, já que todos têm o direito a beleza da sonoridade mesmo sem ouvir

Dentro deste contexto, a tribo dos surdos criou e encontrou seu próprio espaço. Segundo McLuhan (1964), Arnold Toynbee ignora os efeitos dos meios na formação da história. No entanto, os efeitos da tecnologia não ocorrem no nível das opiniões e dos conceitos: eles se manifestam nas relações entre os sentidos e nas estruturas da percepção, num passo firme e sem qualquer resistência.

Sendo assim, ao surdo e aos demais desviantes – chamados dessa forma por fugirem dos padrões impostos pela sociedade, seja por redundância ou por falta de algo - o ciberespaço revela-se como um lugar democrático, no qual o anormal proclama que não é melhor nem pior; mas, simplesmente, diferente.

Referências bibliográficas

- 1) ARANHA, Maria Salete Fábio. **Projeto Escola Viva**: garantindo o acesso e permanência de todos os alunos na **escola: alunos** com necessidades educacionais (dois subtítulos??) especiais. Brasília: BelmontCom (projeto gráfico) : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial , 2000.
- 2) CICCONE, Marta. **Comunicação Total**: introdução - estratégias à pessoa surda. Rio de Janeiro: Cultura médica, 1996. 175p.
- 3) DA GENTE, Ong Escola. **Manual de Mídia Legal**: comunicadores pela inclusão. 2006
- 4) FRANCO, Marcelo Araújo. **Ensaio sobre as tecnologias digitais da inteligência**. Campinas: Papyrus, 1997. 111p.
- 5) FACCINI, Marcelo. Relato de um surdo. **Língua de Sinais**: a imagem do pensamento, São Paulo: Ed. Escala, n.7, p. 49, 2001.
- 6) FREIRE, Alice. A **aquisição de português como segunda língua**: uma proposta de currículo. p. 46-52 (s. ed.), 1998
- 7) GOLDFELD, M. **A criança surda**: linguagem e cognição numa perspectiva sócio-intracionista. Plexus, 1997.
- 8) GUIZZO, Érico Mmarui. **Internet**; o que é, o que oferece, como conectar-se. São Paulo: Ática, 1999. 112p.
- 9) LÉVY, Pierre. **As tecnologias da Inteligência**. Trad. Carlos Irineu da Costa . Rio



de Janeiro: Ed.34, 1993. 205p.

10) LÉVY, Pierre. **Tecnologias intelectuais e modos de conhecer**: nós somos o texto. Disponível em: www.portoweb.com.br/Pierrelevy/nossomos.html. Acesso em 06 jul. 20

11) LIMA, Talita Fernanda Santana de Lima. **A tribo dos surdos no ciberespaço**. 2007. Trabalho apresentado como requisito para aprovação no Curso de Graduação em Comunicação Social, Faculdade de Comunicação, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2007.

12) MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Trad. Maria Lourdes Menezes. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998. 290p.

13) MARCATO, Simone: <http://www.unicamp.br/~ihc99/Ihc99/AtasIHC99/post5.pdf>. Acesso em: 24 jan. 2006.

14) MARQUES, Carlos Alberto. **A imagem da alteridade na mídia**. 2001. Trabalho apresentado como requisito para aprovação no Curso de Doutorado em Comunicação e Cultura, Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2001.

15) MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**: understanding media. Tradução de Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 1964.

16) MELO, Amanda Meincke. **Tecnologias Assistivas**. Disponível em: <<http://www.todosnos.unicamp.br/Ideias/Noticias>>. Acesso em: 24 jan. 2006.

17) MORAES, Fernanda. **A arte de falar com as mãos**. Disponível em: <http://www.jornaldaestacio.com.br/anteriores/20/materia5.asp>. Acesso em: 02 jan. 2006.

18) ORKUT. **Comunidades**. Disponível em: <http://www.orkut.com>>. Acesso em: 27 dez. 2006.

19) REILY, LUCIA; REILY, DUNCAN ALEXANDER. **A Igreja Monástica e a Constituição da Língua de Sinais e do Alfabeto Manual**. Campinas: GT: Educação Especial, n. 15, [19--]. --???

20) RNP. Promovendo o ensino inovador de redes avançadas no Brasil. Disponível em: <http://www.rnp.br/noticias/consulta/?words=internet2&begin=21>. Acesso em: 24 jan. 2007.

21) SACKS, O. **Vendo Vozes**: Uma jornada pelo mundo dos surdos. Imago, 1989

22) SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão**: construindo uma sociedade para todos. 3ed. Rio de Janeiro: WVA, 1999. 174p.

23) _____. **Inclusão da pessoa com deficiência no mercado de trabalho**. São Paulo: Prodef, 1997. 16p.



- 24) SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros.** Belo horizonte: Autêntica, 2000 – 2ª Edição.
- 25) SURDO E INTERNET. Disponível em:
<http://www.dspcom.fee.unicamp.br/cristia/surdos/intro>. Acesso em: 23 out. 2006.
- 26) TODOSNÓS. **Implante Coclear.** Disponível em:
<<http://www.todosnos.unicamp.br/Ideias/Noticias>>. Acesso em: 02 dez. 2006.
- 27) VIRÍLIO, Paul. **A arte do motor.** Trad. Paulo Roberto Pires. São Paulo: Estação Liberdade, 1996. 134p.
- 28) WEBLINGUAS. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilingue da Língua de Sinais Brasileira.** Fernando Capovilla. Disponível em:
<<http://www.weblinguas.com.br/biblioteca>>. Acesso em: 23 jan. 2006).


